



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

O PRANTO DE LINDANOR¹

João de Jesus Paes Loureiro²

“Mas o meu pranto nunca cessará, nem meus sentidos ais, enquanto eu contemplar os raios trêmulos dos astros cintilantes e esta diurna claridade. Igual ao pássaro que perde os filhos, não pararei de lamentar-me, de fazer ouvir meus gritos lancinantes defronte às portas do palácio de meu pai!”

Electra, in ELECTRA de Sófocles

Ao falar de seu livro, Lindanor Celina, disse-me que não o escreveu como memórias, subtítulo incluído na organização final da obra. E, verdadeiramente, o livro não é de memórias, mas o livre fluir da recordação sob o ciclo lunar da fantasia. Por isso, como tal entenderei seu “*Pranto...*” fixando, sob esse ângulo, alguns aspectos de minha recepção da obra.

Pranto por Dalcídio Jurandir – é uma escritura que se desenvolve na atmosfera do desejo. Há, por força disso, intensa feminilidade nessa literatura de Lindanor Celina. O desejo é sempre o prazer arrebatado pelo sonho, e próprio do lado feminino da criação. O desejo não tem a finalidade de um fim. É pura delícia sem caminho, como diria Malarmée. Sem chegada. Não encontra o seu objeto, pois ele está sempre, ainda que sob as mais claras luzes, disfarçado entre brumas, oculto entre silêncios. Desse

¹ *O Liberal*, 31 de julho de 1983

² Poeta, doutor em Sociologia da Cultura (Sorbonne/ Paris, França, 1994), mestre em Teoria da Literatura e Semiótica (PUC-SP, 1976). Foi professor titular (UFPA), hoje voluntário do Programa de Pós-graduação em Arte (ICA-UFPA). Pesquisa os temas: Arte, Comunicação, Imaginário, Amazônia, Cultura, Cultura Amazônica, Magistério, Criação Literária, Poesia, Encantaria e Mito.

modo, o refúgio de quem narra é mais o *seu* mundo, do que aquele que objeto da narração. Assim esse pranto mais uma relação com Dal, do que propriamente com Dalcídio Jurandir. Explico melhor: a verdadeira realidade do relato é a realidade surdida no ângulo da que narra. Portanto, o verdadeiro mundo que o *Pranto* revela é o mundo de Lindanor recebendo Dalcídio e o transfigurando em Dal. O Dal, personagem do desejo de Lindanor, que tem, no leito da linguagem, o ritual erótico proibido-reprimido de sua paixão.

E aqui que se coloca como perspectiva ideal para esse livro, no desvendamento crítico, a que advém da estética, psicanalítica. O *Pranto*, como estrutura literária, visto que não o encaramos como *memórias*, mas como devaneio, revela uma instigante relação incestuosa reprimida ao longo da vida e liberada, por sublimação, no leito da linguagem. Daí, porque, a escritora, inconscientemente, mas com perspicácia, com intuição, optou pelo ponto de fuga da fantasia para seu relato de cunho memorialista. A fantasia liga sonho à realidade, num livre jogo entre as mais profundas camadas do inconsciente, aos mais elevados produtos da ciência. Além disso, disse Freud que se reconhece uma profunda e dupla conexão entre instintos sexuais e fantasia. É nítido, na narrativa de Lindanor, que o princípio do prazer (entendido como oposição ao princípio traumático da realidade) domina o curso da narração. Entenda-se bem: há realidades declaradas no texto, há documentos alegres ou amargos da vida, mas o que estabelece a força dominante no relato é um certo prazer da narrativa. Lindanor – Sheerazade. Isto é: o relato como preservação da vida. Assim, como em *Mil e Uma Noites*, contar é suspender a morte. Lindanor, em vários momentos, lamenta o esquecimento-morte em que ele acredita relegado o admirável romancista paraense Dalcídio Jurandir. Narrá-lo será, portanto, mantê-lo vivo. Com isso, vai narrando as suas mil e uma noites de fantasia-vida com Dalcídio. E manifesta seu ódio à crítica literária, essa Clitemnestra que estaria concorrendo, por omissão, para a morte histórica do autor de *Belém do Grão-Pará*.

Quando falo da posição dominante da fantasia, não quero dizer que não haja, no livro, a estruturação do ego do prazer no ego da realidade, para mantermos a linha que estamos desenvolvendo. Pelo contrário. Há forte material informativo sobre aspectos e momentos da vida de Dalcídio. Flagrantes no Rio de Janeiro. Preciosos momentos das visitas dele a Belém. Registro de escritores e situações da época. Tudo isso, no entanto, está envolvido pela moldura do imaginário, muitas vezes banhado pela ternura, como uma fotografia antiga guardada na gaveta do armário que nos dá uma súbita doçura de olhar. Assim, o *Pranto* de Lindanor, numa tensão entre o princípio do saber e o da realidade, sob a regência da fantasia, contém um forte grau de catarse. Ela recorda aquilo que ficou reprimido durante anos em sua emoção, em seu desejo, para reprimir de novo no literário, purificadamente.

Lindanor caminha, portanto, nessa estrada que foi no tempo, no eterno refazer a estrada do tempo foi que é a sua vida como escritora. Nesse percurso há uma dominante: mulher-narrativa. A narradora que, ao narrar, narra-se com o narrado. Narrar Dalcídio é a deflagração do auto-conhecimento de Lindanor, em que o retorno do

reprimido (a relação intelectual de *Electra*), aflora na forma de escritura, ganhando o seu significado. No fundo, Lindanor procede como Ema Bovary: seu mundo é, na verdade, um romance de vidas.

Esta é uma das razões pelas quais prefiro considerar o *Pranto*, na perspectiva de ficção-memorialística, segundo o entrevisto nas intenções da autora. E, como tal, que o livro adquire o seu significado mais literário. E um interesse crítico mais justo.

Como ficção memorialista e não como *memórias* é o que o texto ganha o seu sentido mais essencial, permitindo o desencadeamento do prazer a que se propõe, a partir, a partir de fontes psíquicas profundas, ou seja, um prazer literário que advém do conhecimento de vivências passadas. Assim, a partir de uma forte experiência atual (a recordação, a saudade, o horror, ao esquecimento, a dívida com a celebração do autor) Lindanor sente o re-despertar de uma passada experiência pertencente à fase da vida que é a sua infância como escritora, e da qual derivou o desejo cuja satisfação realiza-se no texto. Assim, a sua narrativa como *poiesis*, transfunde e encarna tantos elementos de velhas lembranças. O prazer de si no outro.

O cruzamento entre experiências do passado com o presente percebemos desde o fragmento inicial do livro, quando o ato de escrever é questionado e a narradora-narratária se declara em luta com a escritura. É pena que o livro, como um todo, não mantenha o nível de elaboração textual dessa parte, em que Lindanor reflete o ato de escrever, dialoga com o leitor, conversa com o Dalcídio e trata a página como um fetiche, o indizível objeto de seu desejo. É ali que ela entremostra quem seria o leitor ideal para aquelas páginas, o seu arquileitor: Dalcídio mesmo. Mas, ele está morto... E é de um lugar retórico de um café europeu (o lugar em que nunca ele esteve e que passa a estar com ela) que Lindanor, *munida de uma frase* arranca para o texto. a partir de então, constrói o *seu* Dalcídio. Não como o escultor que se enamora da estátua que fez. A relação é oposta. Aqui, ela tenta construir um monumento de palavras do ser por quem se apaixonou. Por isso, a ficção memorialística permitiria um Dalcídio que Lindanor viveu: numa atmosfera de sonho, fascínio, desejo. Então, o lugar retórico de onde ela escreve é o do *voyeur*, o terreço do café, seja de Skorprios, seja de Madrid, seja de Paris, por onde ela percorre levando a imagem venerada, como uma devota leva o crucificado, em via sacra de amor e punição. Verdadeiramente, Lindanor mostra o Dalcídio no ângulo do *voyeur* de quem olha a passagem de um ser especial, de quem olha a imagem num altar. Anão que tente mistificá-lo. Mas o sacraliza. Com isso, dá de Dalcídio a visão que o devoto oferece de um santo. Como o eixo dominante do texto é a mulher-narrativa, creio que isso não invalida sua visão, desde que entendida como ficção memorialista.

Inegavelmente, o fragmento inicial, revelando a luta estilística pelo tom exato da escritura é o que alcança o pique literário mais expressivo. A excitação entre a modalidade espontânea e psicologia da composição. O famoso pânico ante à página em branco. A busca do estranhamento pelo processo de distanciação no tempo e no espaço.

A angústia de quem precisa falar de Dalcídio para chegar ao Dal. E vai bordejando o assunto. Como quem navega à vela. Como quem leva um viático.

Aliás, aqui se coloca uma interessante questão: se Dalcídio é escritor e homem público, o Dal é homem particular, o *pai-amigo-amante*. O seu oráculo. Por isso, toda a obra será uma transfiguração de Dalcídio em Dal. A celebração de um incesto. Nesse quadro articulam-se alguns personagens: Lindanor, Dalcídio-Dal, Rute e Durval-Val. Aparentemente personagens autônomos. A narrativa, no entanto os vai fundindo e, na fantasia provocada no leitor, acaba-se por ter: Dalcídio-Val ou Durval-Val ou Dal-Val e, finalmente, Dal-Vai-Pai; Lindanor-Rute. Na transfiguração de espaços, Val e Rute se perdem no único espaço que prevalece: o de Lindanor e Dal. Basta que se rastreie os *semas* que qualificam semiologicamente as personagens e os espaços para que isso se torne muito claro. Mas, a reprodução dessa rede sêmica não é objeto destas notas.

Outra questão que a tessitura metamórfica das personagens e situações revela é a relação de Electra. Dalcídio é como o pai. O pai literário. Ele fez Lindanor nascer como escritora e lhe deu orientação paternal. Ao mesmo tempo é a pessoa amada e desejada. Como quem restaura um santo de altar, em camadas sucessivas ela recobre a imagem desse ser amado, ora com as tintas de Val (o esposo, então) ora com as de seu Pai. Com isso, compõem as cores do homem de seu desejo: Dal! Como Electra rediviva, Lindanor Celina deseja restaurar a imagem de Dalcídio, contra os crimes dessa Clitemnestra que para ele tem sido a crítica literária, no seu corrosivo silêncio. E assim, vai construindo o seu mito pessoal do escritor. Curtindo seu encanto. Revendo a vida dela pelos olhos dele, que por ela é visto. Um jogo de espelhos paralelos. A curetagem de um remorso em que, na penúltima página ela associa o Dal e o Pai. Tudo, como diz a própria Lindanor: na forma de “*mais uma narrativa do nosso relacionamento que outra coisa*”.

PRANTO POR DALCÍDIO JURANDIR, de Lindanor Celina, Belém: SECDET, Falângola, 1963.

João de Jesus Paes Loureiro